

FILOSOFIA

COM

**VIVIANNE
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem.

A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Atena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo.

A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento propício para o filosófico. Pela sua característica de animal notívago (noite) a coruja é considerada pelos gregos como símbolo da busca pelo conhecimento.

Havia uma tradição que dizia que quem escuta o chamado das corujas, os dons de previsão e clarividências, morre.

Enquanto todos dormem a coruja é vigilante e atenta aos barulhos. Em muitas culturas uma poderosa e poderosa e poderosa.

A coruja tem a particularidade de observar algo ao menor movimento. Ela é considerada pelas culturas caçadoras

uma das
coruja-burmesa, que tem esse nome porque
vezes a coruja-burmesa utiliza



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

**FILOSOFIA MORAL:
MORAL E ÉTICA**

FILOSOFIA MORAL

MORAL E ÉTICA



Toda discussão sobre “ética” sempre se inicia pela revisão de suas origens etimológicas e pela sua distinção com o termo “moral”.

A palavra “ética” é de origem grega (ethos) e, no campo filosófico, pode ser traduzida pelas ideias de “lugar”, “residência”, e, por extensão, também como “caráter”, “distinção”, “modo” e “natureza”. Para os gregos, a morada era a cidade, que eles chamavam de pólis (comunidade), desse modo, a ética seria o “lugar onde os homens habitam”. A ética estaria ligada aos hábitos e aos costumes de um indivíduo ou da sociedade e de como ela se comporta em um determinado lugar ou em um determinado período histórico. Pode-se definir a ética, então, como uma reflexão sobre regras, leis, modo de ser, caráter, costumes e valores de uma sociedade.

A moral pode ser definida como sendo um conjunto de valores, regras e normas que predeterminam determinadas condutas dos indivíduos e são construídas socialmente. Esta definição está ancorada na sociologia de Durkheim (1994), uma vez que, para este autor, não é o sujeito individual o protagonista da gênese da moral; ele não é o agente que julga o certo e o errado, o justo e o injusto... Quem tem a prerrogativa de caracterizar a moral, de julgar o certo do errado, de dizer o que é justo e o injusto? **É o sujeito coletivo:** a sociedade, posto que “a opinião pública traz de suas origens uma autoridade moral pela qual se impõe aos particulares...” (Durkheim, 1994, p. 54).



A ética é a disciplina filosófica que investiga os diversos sistemas de morais elaborados pelos homens, buscando compreender a fundamentação das normas e proibições

próprias a cada uma e explicar seus pressupostos, ou seja, as concepções sobre o ser humano e a existência que os sustenta.

A **ética platônica**, tem por finalidade levar o sujeito ao

sumo bem, para que isto aconteça é necessário que o indivíduo despreze os prazeres corporais e abrace as virtudes próprias da alma humana. O bem na concepção platônica, não são as coisas materiais, mas tudo aquilo que permita o engrandecimento da alma, por isso, ele ensina que o homem deve desprezar os prazeres, as riquezas e as honras em vista da prática das virtudes. O uso reto da razão é entendido como o meio de alcançar os valores verdadeiros que devem ser seguidos pelos homens.

No mito da caverna, o filósofo expõe a condição de ignorância na qual se encontra o homem ao lidar com o conhecimento das aparências. Somente pelo conhecimento racional o homem pode elevar-se até as Ideias, até o Ser e conhecer a verdade das coisas. Isto se dá através do método dialético, o qual elimina as aparências e encontra as essências, a verdade no conhecimento das coisas. Este método filosófico tem por finalidade libertar os homens da ignorância e levá-los ao conhecimento de ideia em ideia, até alcançar o conhecimento da Ideia Suprema: o Bem. As outras ideias participam desta e devem sua existência a esta.

A **ética aristotélica**, em oposição à ética de seu mestre Platão, é **imane**nte, tendo suas bases na **realidade empírica** do mundo, no questionamento acerca das condutas humanas e na organização social.

Embora tenha sua fonte na concepção platônica, contudo seu fim consiste em atingir a felicidade (eudaimonia). Para isto é necessário que o sujeito estabeleça um **meio termo – justa medida** entre os excessos que lhe afligem. Por exemplo, a contemplação, o prazer e a política são vias de acesso do homem à felicidade desde que sejam em moderação.

A ética aristotélica inicia-se com o estabelecimento da noção de felicidade. Neste sentido, pode ser considerada eudemonista por buscar o que é o bem agir em escala humana, o agir segundo a virtude – é um meio-termo entre dois vícios. Diferentemente de Platão, que buscava a essência das **ideias** de felicidade e da **ideia** do Bem sem relacioná-las diretamente à prática. A felicidade é definida como uma certa atividade da alma que vai de acordo com uma perfeita virtude.

A virtude é definida como **hábito ou disposição racional constante**. O hábito torna o homem bom e o capacita na boa execução de sua função. Esta definição se mostra oposta à de Platão: a virtude é definida como capacidade de realizar uma função determinada, inerente a alguma parte da alma humana ou da cidade ideal.

A **virtude intelectual** é adquirida através do ensino e assim, necessita de experiência e tempo.

A **virtude moral** é adquirida, por sua vez, como resultado do hábito. Nenhuma das virtudes morais surge nos homens por natureza – ao contrário da visão inatista platônica

Anotações

